

MEMÓRIA DAS PAREDES, SUPERSTIÇÕES NORDESTINAS E MALDIÇÕES FAMILIARES NO AMBIENTE MÍSTICO DE A CASA, DE NATÉRCIA CAMPOS

MEMORY OF WALLS, BRAZILIAN NORTHEASTERN SUPERSTITIONS AND FAMILY CURSES IN THE MYSTIC ENVIRONMENT OF A CASA, BY NATÉRCIA CAMPOS

Yls Rabelo Câmaraⁱ

Resumo: Neste artigo, tratamos de temas que são intangíveis e que pertencem à ordem do imaterial, que a Ciência muitas vezes desconsidera por não serem mensuráveis, mas que têm peso quando apresentados como o apresentamos aqui: por meio da Literatura, que captura esses conhecimentos e os aplica na tessitura do texto. *A Casa*, obra magna de Natércia Campos, escritora cearense ainda pouco conhecida pelo público leitor – mesmo em seu rincão de origem –, amalgama o que se conhece como “memória das paredes” com o que vetustamente se sabe sobre algumas das “superstições nordestinas” e “maldições familiares” presentes nesta obra. Para discorrer sobre o que propomos, baseamo-nos nas pesquisas e contribuições de estudiosas e estudiosos como Cascudo (2006; 2012), Chaves (2022), Silva (2016) e Timbó (2011), dentre outras e outros. Concluímos que estudos como o que ora expomos são de impreterível importância não somente porque lidam com assuntos que normalmente não são considerados como deveriam pelo nosso cânone literário, mas, principalmente, porque trazem ao conhecimento do grande público leitor a obra de escritoras nordestinas irrepetíveis e que merecem ser conhecidas e reconhecidas por suas impagáveis contribuições para com as nossas literaturas regional e nacional, cristalizando em seus escritos os costumes, a oralidade e os conhecimentos ancestrais do Sertão e do povo nordestino que o habita.

Palavras-chave: O sobrenatural na literatura. Literatura e superstições nordestinas. Natércia Campos e o sobrenatural em *A Casa*.

Abstract: *In this article, we deal with themes that are intangible and that belong to the immaterial order, which Science often disregards because they are not measurable, but which have weight when presented as we present it here: through Literature, which captures this knowledge and it applies to the text. A Casa, the Magnum Opus by Natércia Campos, a writer from Ceará who is still little known by the reading public – even in her native region –, amalgamates what is known as “memory of walls” with what is long known about some of the “Brazilian Northeastern superstitions” and “family curses” in this book. To discuss what we propose here, we are based on the researches and contributions of scholars such as Cascudo (2006; 2012), Chaves (2022), Silva (2016) and Timbó (2011), among others. We conclude that studies such as this one are of undeniable importance not only because they deal with themes that are not normally considered as they should by our literary canon, but mainly because they bring to the attention of the general reading public the work of unrepeatable Brazilian Northeastern writers who deserve to be known and recognized for their priceless contributions to our regional and national literature, crystallizing in their writings the customs, orality, and ancestral knowledge of Sertão and the Northeastern people who inhabit it.*

Keywords: *The supernatural in literature. Literature and Brazilian Northeastern superstitions. Natércia Campos and the supernatural in A Casa.*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutora e Mestra em *Filología Inglesa* (Letras –Língua Inglesa) pela Universidad de Santiago de Compostela, na Galiza, Espanha, com Estágio Pós-Doutoral em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Idealizadora, Orientadora e Líder do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. Professora Visitante na UECE e Pesquisadora da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). *E-mail:* ylsamara@hotmail.com.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este TOMO II do Dossiê Temático da Revista LiteralMENTE apresenta-nos algumas das muitíssimas escritoras nordestinas que o nosso cânone literário – misógino e excludente – ostracizou em alguma medida e durante determinado tempo. Dentre elas, Natércia Campos, que no TOMO I, teve quatro dos nove artigos escritos sobre ela e sua obra – especialmente no primeiro conto que publicou, “A Escada” (1987), mas, principalmente, em seu único romance: *A Casa* (1999). No presente tomo, a femenageamos com mais um artigo: este.

Os temas que tratamos neste trabalho são delicados – não somente porque nos debruçamos sobre uma escritora nordestina que deveria ser melhor conhecida pelo público que consome literatura, mas também porque versa sobre assuntos que suscitam desconfiança e descrédito no meio acadêmico por serem intangíveis: a memória das paredes, as maldições familiares e as superstições (nordestinas, neste caso).

Estes três assuntos estão muito bem fundidos na obra-prima naterciana, *A Casa* (1999), galardoada como uma obra de excelência literária, histórica e cultural. Para que analisemos essas características nesse seu *Magnum Opus*, apresentamos, sequencialmente, o Marco Teórico – o arcabouço de nossa pesquisa –, para então discutirmos os temas aqui trazidos.

1 MARCO TEÓRICO

1.1 A peculiar biografia de Natércia Campos: diálogos entre o físico e o metafísico

Natércia Campos foi, definitivamente, uma pessoa muito diferente das demais de seu entorno. Natércia Maria Alcides Campos de Saboya, nascida Natércia Maria Alcides Campos, foi filha de uma dona de casa, Maria José Alcides Campos, e de Moreira Campos – Professor Titular de Literatura Portuguesa no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde foi Decano do Centro de Humanidades (no qual implantou o Primeiro Ciclo Universitário), Pró-Reitor de Graduação e, eventualmente, Reitor; foi também um conceituado contista que pertenceu ao Grupo Clã e à Academia Cearense de Letras.

Vindo ao mundo no dia 30 de setembro de 1938, no bairro Praia de Iracema, em Fortaleza, Natércia cresceu influenciada pelas pancadas do mar sobre as pedras e que lhe soavam agradáveis, somadas aos aromas exalados pelas flores do jardim da casa da família e à maresia. Teve uma vida bastante curta se comparada à de seus pais e irmãos (Marisa e Cid): apenas 65 anos, falecendo em 2 de junho de 2004, vítima de um câncer incurável.

Sempre imaginativa, a menina Natércia desenvolveu-se em um ambiente privilegiado, ouvindo as histórias que lhe contavam a Bazinha (sua babá) e seus pais – maiormente Moreira Campos, com suas criaturas fictícias. Essas narrativas se juntaram a outras às quais ela teve acesso na biblioteca paterna (Silva, 2013). A leitura que mais a atraía era sobre o Sertão, sua gente e seus costumes, cristalizados nas pesquisas publicadas na forma de livros por Luís da Câmara Cascudo (Sousa; Câmara; Dias, 2023).

Conforme palavras de Chaves (2022) e Silva (2013), diferentemente de Moreira Campos, ela casou-se cedo, aos 17 anos, com o escritor Oswaldo Lamartine de Faria. Teve seis filhos (Caterina, José Thomé, Clarissa, Rodrigo, Emmanuela e Carolina) e viveu para eles e para as manualidades – com maior destaque para a tapeçaria, onde incrustava bordados e pinturas tradicionais que ela elaborava, expunha e vendia com a irmã tanto para o mercado nacional como para o internacional. Iniciou sua carreira como escritora tardiamente, em 1984, em Barcelona, na Espanha, sendo ela já avó do primeiro neto.

Seu primeiro conto, “A Escada”, escrito em 1984, somente foi publicado três anos depois, sendo laureado com o 1º prêmio no 2º Concurso Literário do Banco Sudameris naquele mesmo ano, 1987, outorgado pela Academia Botucatuense de Letras (Timbó, 2011). No ano seguinte, ganhou o prêmio da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira com seu livro *Iluminuras* – uma coletânea de contos. Uma década depois, em 1998, publicou *Por Terras de Camões e Cervantes*, um relato da viagem que fizera entre 1997 e 1998 sobre suas andanças por Portugal e Espanha, e *A Noite das Fogueiras* – ao mesmo tempo, uma coletânea de contos e uma compilação de lendas antigas dirigida ao público infanto-juvenil (Chaves, 2013). Seu único romance, *A Casa*, foi publicado em 4 de agosto de 1999 pela Imprensa Universitária – UFC e recebeu o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura, na categoria romance, no mesmo ano. Ainda em 1999, ganhou o Prêmio Ideal Clube de Literatura com a crônica “Vôos”. Em 2001, veio à luz seu segundo livro de viagem: *Caminho das Águas* (referente à sua excursão pelo Norte do Brasil).

Para seus textos, ela transferia muito de sua própria personalidade dada a crenças na Metafísica, no que os olhos não veem, mas que o coração sente e a alma entende. Natércia era, reconhecidamente, dentro de seu círculo de amizade, uma mulher que valorava o etéreo. Além disso, todos os seus escritos surgiram não somente de sua engenhosidade, consoante Chaves (2022), mas também de um árduo trabalho de investigação; de aprofundadas pesquisas antropológicas, historiográficas, sociais e jornalísticas que ela realizava sobre os temas – onde muito se inclinou pelos estudos de Luís da Câmara Cascudo (folclorista, historiador, antropólogo, advogado e jornalista potiguar). De mais a mais, leu e absorveu muito da obra de

Gilberto Freyre e sua visão sociológica do Sertão (Silva, 2013). Tendo Luís da Câmara Cascudo como inspiração maior e não tendo tido convivência com o Sertão como seu pai o tivera, Natércia, de acordo com Chaves (2022), via nas obras de Cascudo o “Sertão-de-dentro” – não o das secas, fome, flagelo e dor –, mas o das credices dos povos do Sertão. Por meio do legado cascudiano, ela instrumentalizou-se sobre tradições populares, fábulas, lendas, parlendas, cantigas, acalantos, assombros, jogos, danças de roda, artesanatos e superstições de antigas culturas que nos procederam e as dos que nos colonizaram.

Sua obra foi tão bem-aceita que Natércia foi eleita por unanimidade para fazer parte da Academia Cearense de Letras, ocupando, em 28 de fevereiro de 2002, a cadeira nº 6, cujo patrono foi Antônio Pompeu de Sousa Brasil. Infelizmente, veio a falecer dois anos e quatro meses depois e foi velada nesse relicário da Literatura do Ceará (Silva, 2013). Pertenceu também à Academia Fortalezense de Letras, à Sociedade Amigas do Livro, à Poesia Plural e a outras agremiações literárias (Chaves, 2022).

Para que entendamos quão grande essa autora foi, traçamos, seguidamente, algumas linhas sobre o Sertão – esse universo que ela somente conhecia de longe, portas afora, mas sobre o qual escreveu como se o conhecesse de perto, portas adentro.

1.2 O Sertão: o cenário inspirador para a “escritora das pancadas do mar”

Já no século XIV, os portugueses invasores grafavam este topônimo como “Sertão” ou “Certão”, referindo-se às áreas dentro de Portugal, mas longe da capital – Lisboa. Com o passar do tempo e com a colonização além-mar, o termo foi mudando de acepção, significando terras vastas e situadas no interior das sesmarias coloniais, e sua origem etimológica o une ao deserto, ao desértico – sempre com uma pecha negativa (Amado, 1995). Por isso também, a dicotomia litoral-Sertão tem sido representada, desde os tempos do Brasil Colonial, evidenciando o litoral como mais próspero, fértil e aprazível do que o Sertão.

Ainda à luz de Amado (*ibidem*), o conceito de “Sertão”, tal como o conhecemos hoje, confunde-se com o de “Nordeste”, mas, na verdade, segundo essa estudiosa, o Sertão está presente na geografia de Minas Gerais, de Mato Grosso, de Goiás e até de Santa Catarina (referindo-se ao oeste do estado). No Paraná, o termo identifica uma área do interior de outro estado: São Paulo. No Amazonas, “[...] ‘sertão de dentro’ refere-se à fronteira do estado com a Venezuela, enquanto no Rio Grande do Sul, ‘sertão de fora’ também nomeia área de fronteira”. (*ibidem*, p. 145). O Sertão Nordestino caracteriza-se por ser uma subárea árida e pobre, situada a oeste do Agreste e da Zona da Mata.

Essa vasta zona de terra tem sido inspiração para artistas de várias vertentes, influenciando a pintura, a música, o teatro, o cinema e, em nosso caso aqui, a Literatura; tem sido mostrada sob diversos vieses em novelas e séries que, o mais das vezes, estereotipa o Nordeste e o que é nordestino como sendo sinônimos do atraso – mas esta discussão foge do escopo que aqui nos propomos analisar. Ainda conforme Amado (1995), grande parte da literatura regionalista tem seu *locus* no Sertão ou se refere a ele. A Geração de 1930 apresenta-o com fortes conotações políticas e sociais; já Guimarães Rosa, Ariano Suassuna e João Ubaldo Ribeiro, mostram-nos o Sertão misterioso, místico e mítico em suas obras – e que influenciou a escritora em formação: a menina e a jovem Natércia Campos.

Para Cascudo (2012, p. 15-16), as superstições, no Ceará, respondem aos ecos da colonização dessa capitania:

A população do interior, quase imóvel durante longo tempo, manteve a maioria dos mitos talqualmente os recebera. Como a influência negra não é preponderante, mas apenas sensível e também mais aproximada do oceano, encontramos os mitos de origem europeia e os indígenas, diversificados pela mestiçagem, quase em estado de pureza. Não será possível dizer-se que esse material permaneça como há vinte anos. O sertão respira pelas mil bocas das estradas e paga o conforto da eletricidade com o esquecimento das estórias antigas e saborosas. Os mitos gerais são sempre lembrados. Os indígenas vêm secundamente. Os negros podem ter dado elementos para a construção. Nenhum mito lhes autentica influência decisiva.

O Sertão-de-dentro, o espaço mágico que Natércia empresta ao Sertão que conhecemos no Nordeste brasileiro, é mítico e místico, é popular e simples, é ligado à oralidade e às tradições vindas com os colonizadores e adaptadas, com o passar do tempo, à sucessão de gerações de nordestinas e nordestinos (Chaves, 2022; Lima; Câmara, 2023). Sobre essa construção social e outros assuntos, tratamos a seguir.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 A escrita singular de Natércia Campos: diálogos entre o Sertão e a superstição

A escrita mística de Natércia Campos, como explica Saraiva (2011), assemelha-se em parte à de seu pai, incorporando às palavras muito de suas próprias crenças, influenciada pelas histórias que ouvira quando criança e que seguiu escutando ao longo da vida. Era uma pessoa que tinha uma espiritualidade trabalhada na prática, além de ser dedicada às artes e à natureza. Acumulou em torno de si, quadros, livros e plantas; foi assim também que decidiu ter, como

testemunhos de seu “encantamento”, de seu desencarne, esses mesmos companheiros de uma vida inteira, além de suas filhas e seus filhos e de suas magas.

Para Sânzio de Azevedo, (1985), os contos de Moreira Campos situam-se na seara psicológica, tal como os de Machado de Assis e Chekov, mas sem deixar de ser regionalistas. Suas narrativas tratam da alma humana e de sentimentos como desilusão, crueldade e amor; descrevem sensações íntimas em uma linguagem sutil, mas curta e reta, com o uso controlado de adjetivos, bastante sinestesia e construções nominais. Ademais, o emprego da narração no pretérito imperfeito, preferido e profusamente usado por esse contista, dá-nos uma ideia de continuidade da ação, inserindo a leitora/o leitor em uma experiência de expectadora/or de cenas inusitadas.

A *Casa*, nas 89 páginas da primeira edição, trata da saga de uma família sertaneja cearense, testemunhada por um ser inanimado: uma casa senhorial, um solar colonial que é também a narradora auto diegética da trama e que nos introduz em um universo que mescla o etéreo e o fatural. A *Casa* conta sua história, unida à das pessoas que a habitaram, de seu nascimento à sua morte, destinada a desaparecer sob as águas de uma barragem. Por isso mesmo, Silva (2013, p. 28) expõe que as histórias, nesse romance,

[...] são contadas sem a linearidade cronológica; fios de lembranças, totalmente emaranhados constroem a narrativa naterciana e nos levam a passear por diferentes séculos. Desta maneira, reafirmamos que quem fala na narrativa é a Casa, exceto quando esta dá voz a outros personagens, mas, isso ocorre com pouca frequência.

O mais interessante é que Natércia empresta a essa narradora onipresente e onisciente conhecimentos sobre os quais a própria escritora não vivenciou, como já dito (Sousa; Câmara; Dias, 2023). No entanto, tal como Cecília Meireles, órfã na mais tenra idade e criada sem outras crianças por perto, guiada pelas mãos zelosas da avó e da pajem que a acolheram, cresceu ouvindo histórias contadas pelos adultos às crianças e que continham ingredientes atrativos ao mundo infantil: superstições, crendices populares, saberes transmitidos oralmente e assombrações mesclados à criatividade de quem as contava (Lima; Câmara, 2023).

Mesmo longe da realidade sertaneja que, como sabemos, não fizera parte de seu repertório de vida na prática, Natércia Campos, utilizando-se de suas memórias e dos assuntos tratados em família, transpôs todas essas experiências para o papel. Ela primeiramente concebia os manuscritos artesanalmente, inclusive por meio de recortes e colagens, para depois transferi-los para a máquina de escrever. Assim também ela elaborava seu mundo mágico, permeado de seres visíveis e, principalmente, invisíveis – por quem ela tinha imenso respeito.

Esse comportamento não é *sui generis* dela; pelo contrário: o ser humano sempre tendeu a buscar nas superstições as explicações para o que não alcança entender. O povo do Nordeste, o povo sertanejo, com sua religiosidade aflorada e sua crença em algumas manifestações da natureza que se crê que são sobrenaturais, muito influenciou a escrita de Natércia Campos. Neves (2004, p. 4-5), em seu *Dicionário de Superstições*, explica:

O homem comum permanece, na nossa contemporaneidade, muito longe de observar os fenômenos sob esse espírito – está ainda próximo da perplexidade do homem primitivo. Daí que, para ter equilíbrio emocional, procure nas religiões e nas crenças – por mais absurdas que se nos apresentem – explicação para a complexidade dos fenômenos e do mundo em geral. É esta espécie de conforto moral que explica a permanência das superstições no ser humano como forma de ordenar o caos mental em que se encontra.

Assim como no além-mar, a narradora nos remete, nesse romance, às metamorfoses da morte, por exemplo, colocando-a como um contraponto da vida. Segundo Silva (2019), ambos início e fim da existência são tratados com deferência por Natércia Campos, como entidades sobrenaturais. A *Morte* é sempre referida na obra com a inicial maiúscula e ganha nomes próprios: *Moça Caetana*, *Ela*, e a *Velha-do-Chapéu-Grande*, cuja presença é avisada pelo pio agoureiro da coruja Rasga-Mortalha, à meia-noite, sobre as casas daquelas e daqueles que vão morrer em breve, ou pelas portas que se abrem de repente. O termo “Moça Caetana”, como explicita Chaves (2022), refere-se à “catana”, uma faca de lâmina longa e afiada que se assemelha a uma grande foice; “Moça” faz alusão à mulher bela, mas fatal, tão presente no imaginário do colonizador. *Ela* é a forma como Moreira Campos se referia à morte em seus escritos e Natércia se apropriou desse uso.

Alguns costumes dos colonizadores com relação à morte foram incorporados à estrutura de rituais em solo brasileiro, como o de se cobrir os espelhos da casa quando alguém morria dentro dela e de fazer escoar toda a água estocada. As carpideiras e cantos fúnebres que se entoam até hoje também são reminiscências de costumes antigos da Europa de antanho, como também a prática de se colocar uma moeda em cima de cada um dos olhos fechados de quem falecia, antes de que a/o enterrassem. Acredita(va)-se que é/era o “pagamento de Caronte”.

O fato de ser a própria edificação quem narra a história não é uma criação da escritora nem de seu pai. Esse é um recurso narrativo moderno e bastante utilizado. Se voltarmos nossos olhares para Virginia Woolf e sua obra, um de seus romances mais conhecidos e reconhecidos é intitulado *To the Lighthouse* (1927), traduzido como *O Farol*, no Brasil, e *Rumo ao Farol*, em Portugal. Assim como Woolf, Natércia fez amplo uso dos modernos recursos narrativos como o monólogo interior e o fluxo de consciência (Silva, 2013).

Antropomorfizada e contando com um tempo diferente do tempo das gerações de humanos que a habitaram, a *Casa* relata-nos as crenças e superstições inerentes à sua criação:

Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento. Meu embasamento, desde as pedras brutas quebradas pelos homens a marrão aos baldrames ensamblados nos esteios, deu-me solidez. As madeiras de lei duras e pesadas com que me construíram até a cumeeira têm o cerne de ferro, de veios escuros, violáceos e algumas mal podiam ser lavradas. Todas elas foram cortadas na lua minguante para não virem a apodrecer e resistirem, mesmo expostas ao tempo: o estipe das carnaúbas, os troncos do jucá, os da ibiraúna, a braúna, a madeira preta dos índios fechada a umidade por ser impregnada de resinas e tanino. (Campos, 2004, p. 7).

Quando Natércia Campos afirma que a *Casa* é sabedora de como fora sua criação por intermédio dos ventos – “Fui feita com esmero, contaram os ventos, antes que eu mesma dessa verdade tomasse tento” (*ibidem*, 2004, p. 7) –, cria, ao mesmo tempo, uma conexão entre texto, leitora/or e a História, de acordo com Saraiva (2011). Simbolicamente associados à sabedoria, os ventos, nas mais diversas mitologias e crenças, especialmente na judaico-cristã, estão associados às notícias – boas ou más – transmitidas por eles como arautos.

Ainda nas palavras de Saraiva (*ibidem*), ela somente tem ciência dos fatos, como uma observadora silente, a partir do que acontece em seu interior e do que lhe contam os ventos e as personagens que permeiam o espaço narrativo da trama. A *Casa* somente passa a ter algum parco conhecimento do que acontece além de suas paredes quando uma das personagens, de nome Bisneto, instala em uma delas um espelho trazido por ele de Veneza:

[...] o belo espelho oval, emoldurado por querubins, laços e [...]. Viera de longa viagem. O Bisneto, que o trouxera, contara que o espelho fora feito pelo artesão Laurentis, o Veneziano, de alcunha “o mago dos espelhos, e que este homem não vira o reflexo de sua imagem ao terminar de polir a película metálica. [...] Na lâmina deste espelho vi tal qual nas águas límpidas as imagens que ele trazia porta adentro do que existia e acontecia à sua frente durante o dia. (Campos, 2004, p. 30-31).

De acordo com Silva (2013), o espelho surgiu na Itália tal como a conhecemos hoje. É tido como um objeto mágico e que reflete a imagem do que somos. Consoante Silva (2019), costumeiramente tem-se por certo que se alguém não consegue se enxergar em um espelho significa que seu fim está próximo. Ainda conforme Silva (*ibidem*, p. 36), “[...] ele guarda cargas positivas ou negativas adquiridas ao longo de sua existência e vislumbradas por ele”; portanto, quebrá-lo atrai a má sorte. Suas aparições no enredo desse romance estão ligadas com a morte (*ibidem*). Cascudo (2006) afirma que o espelho faz parte da indumentária nas manifestações folclóricas como Congos, Caboclinhos e Bumba-Meu-Boi. No Brasil Colônia, foi usado como moeda de troca nos escambos com nossos indígenas pelo pau-brasil.

O folclore das águas também é contemplado nesta obra naterciana. Trindades (nome dado à *Casa*, ademais de casa-grande) foi erguida em um local de águas enfeitiçadas, batizada pela chuva que caía no momento em que foi instalada sua pedra angular: “Meus alicerces foram feitos muito depois que a lagoa de águas salinas se evaporou. A causa foi o aprisionamento da fonte por gigantesca pedra ali colocada com magia e silêncio pelos índios cariris”. (Saraiva, 2011, p. 11). Mas a *Casa* sabia que um dia essa magia acabaria – tal como o foi: ao final da história, ela jazeria no fundo das águas, submersa no fundo de uma bacia hidráulica a partir da inundação causada à região por uma barragem, séculos depois: “Esta casa ficará dentro do contorno da bacia hidráulica. A grande barragem será construída em torno desse remanso. A casa irá para o fundo das águas”. (Campos, 2004, p. 72).

Acerca do construtor e primeiro morador da *Casa*, seu parente longínquo, Francisco José Gonçalves Campos, Saraiva (2011) afirma que ele imigrara da região de Entre-Douro e Minho, como tantos outros conterrâneos e contemporâneos seus, em busca de riqueza no Brasil. Normalmente, uma casa-grande colonial, segundo Silva (2016, p. 31), tinha características comuns entre elas:

A casa-grande manteve quase um padrão no meio sertanejo com sala de jantar, quartos, corredor, cozinha, alpendre e quintal, o que fez com que, de acordo com a estrutura familiar, fossem criados novos cômodos como quarto de costura, biblioteca, gabinete, escritório e capela para determinadas funções. Dependendo do padrão econômico da família, algumas até possuíam pomares e hortas para os familiares, se assim dispusessem a cultivar.

O lugar escolhido para erguer Trindades havia sido habitado previamente pelos povos originários daquele rincão: os cariris. Com o tempo, remanescentes dessa tribo indígena mesclaram-se, nos arredores da casa-grande e da senzala, com escravizadas e escravizados da África que vieram para cá traficados para realizar o penoso processamento da cana-de-açúcar. À luz de Silva, (2016, p. 42), em *A Casa*, “[...] a estrutura fixa da morada nos é apresentada como uma casa-grande de sertão com vigamentos fortes, paredes e muros altos, interior de longo corredor escuro, quartos divididos, cômodos de paredes-meias”. O casarão foi construído na Caatinga, entre serrotes; para além dele, a propriedade contava também com um curral, uma casa de farinha, uma capela e um açude. Quando Francisco José Gonçalves Campos iniciou sua construção, uma pedra de lioz foi colocada na soleira da porta:

Fui tocada pelo sopro da vida quando foi colocada a pedra de lioz da sagrada soleira que doravante protegeria meus domínios familiares. Meu dono [...], ajudado por dois mestres em cantaria. Os três em silêncio a fixaram na entrada, defensora e guardiã, daí em diante, dos malefícios. Sob ela se guardariam amuletos, simpatias e seriam

enterrados os umbigos dos recém-nascidos para que fossem apegados à casa paterna. Nela se pediriam graças e se dariam bênçãos nas partidas. Era no seu limiar que a mãe recebia, de volta dos braços da madrinha, a criança já batizada [...]. (*ibidem*, p. 9-10).

A pedra de lioz, Silva (2013) explana, infunde-lhe o sopro da vida. Natércia se refere a essa pedra trazida de Portugal como sinal de proteção e longevidade, nestes termos, de acordo com Chaves (2022, p. 21):

[...] possui em si uma nuvem de misticismo que perpassa os limites do sertão: a pedra portuguesa foi transportada para o Brasil como lastro de navios entre os séculos XVII e XVIII, deixando em igrejas brasileiras marcas do patrimônio arquitetônico e artístico português.

Inaugurava-se, com essa pedra angular, uma herança cultural que seria transmitida às cinco gerações seguintes da *Casa* (Silva, 2016). Acredita-se, Silva (*ibidem*) afirma, que a soleira da porta é um local sagrado; é onde se inicia o reino familiar e íntimo. Debaxo dela, em algumas culturas, guardam-se as primeiras unhas cortadas dos filhos e os primeiros fios de cabelos cortados das filhas. Na soleira, os recém-casados são abençoados por seus pais para iniciar uma nova família e é nela que ocorre o último adeus a quem desencarna. Crê-se que topar ou tropeçar na soleira da porta é um claro sinal de mau agouro (*ibidem*).

É interessante notar que Trindades nasceu ao meio-dia, em uma hora aberta, também chamada “Hora grande”, a meridiana, hora sem defesa e que diversas religiões atribuem ser propícia aos encantamentos, às rezas fortes e aos rogos de praga, como defende Silva (*ibidem*). Assim se refere a ela Natércia Campos nesse seu romance:

Hora grande de ameaças, já que pragas e rogos são atendidos pelos céus. [...] Ouve-se só o tropel dos animais encantados, vindos dos caminhos em cruz, em fúria cavalgada. [...] Hora das miragens. Não se deve olhar para trás [...] nesta hora de risco, o Redentor foi crucificado. (Campos, 2004, p. 10).

A *Casa* foi batizada como “Trindades”, ao toque das Ave-Marias, quando também caía uma chuva suave e alvissareira: “Na mais serena das horas canônicas, chamaram-me de Trindades”. (Campos, 2004, p. 15). Este nome, “Trindades”, como percebemos, não é em vão, muito pelo contrário, e não espelha apenas a Trindade cristã que norteia a religião que professam as personagens: “O número três traz em si um sentido obscuro”. (*ibidem*, p. 21). Para Câmara (2021, p. 94),

Este é um número sagrado para alguns povos e seus sistemas de crenças, como os celtas, por exemplo. Esse valor simbólico foi acolhido por culturas posteriores, como a judaico-cristã, que incorporou ao seu panteão sagrado a figura da Santíssima

Trindade masculina, à luz do que os celtas e outros povos igualmente ancestrais veneravam como a Deusa Mãe, a Deusa tríplice (donzela, mulher e velha/bruxa), que segue sendo honrada na atualidade pelos neopagãos e pelas seguidoras do Sagrado Feminino, que vêm nas três faces da Deusa, as suas fases de vida.

Três homens fincaram a soleira da porta com a pedra de lioz: Francisco José Gonçalves Campos e dois mestres em cantaria (Silva, 2013) e a trindade dessa narrativa é, basicamente, o nascimento, a vida e a morte dessa casa centenária. Ela teve uma vida longa, durando alguns séculos, de acordo com Campos (2004, p. 15): “[...] fincada neste remanso entre serrotes, perdida na imensidão da caatinga e dos céus, atravesssei alguns séculos”. Testemunhou nascimentos, acontecimentos históricos, alegrias, tristezas e mortes de gerações e mais gerações que se abrigaram nos cômodos que formavam suas paredes e que foram, paulatinamente, mudando a geografia do lugar e dentro da *Casa* também, furando buracos à cata de botijas.

Além dessas, há muitas outras referências às superstições e credices populares que a escritora habilmente insere no texto: as pedras de sal ao relento, na véspera do dia 13 de dezembro, para prever se haverá seca ou não na próxima estação chuvosa ou “inverno”; a *Morte*, que acompanha quem *Ela* irá levar consigo; as crianças que choram ainda no ventre materno, prenúncio de que têm poderes de cura; os cabelos que atritam em moribundos, sinal inequívoco do fim da vida; o *Lunário Perpétuo* com suas informações preciosas à guisa de almanaque; os Santos do Dia; a presença do Trasgo e de outras criaturas sobrenaturais, dentre muitas outras. Conforme a própria autora: “As superstições de além-mar logo aliaram-se às que aqui existiam”. (Campos, 2004, p. 13). A título de ilustração, mostramos abaixo um trecho da obra que traz mais um costume centenário, vindo com os colonizadores:

[...] esperaram o dia de Nossa Senhora da Purificação, Nossa Senhora das Candeias, para à noite acenderem suas velas e rogarem mudanças no tempo. Nesse dia, batizaram os nascidos mortos e os pagãos, despejando uma mão de água nas sepulturas, nas porteiras dos currais e nos caminhos em cruz. (Campos, 2004, p. 22).

Não obstante e muito além de tudo isso que supra relatamos e que é consabido, há fatores outros que chamam a atenção de quem analisa esta obra pelo prisma atual. É relevante o fato de havermos tido uma escritora que não se importou com as críticas que provavelmente sofreria por tratar, nesse romance, de temas que são vistos sob o estigma do preconceito – como, *verbi gratia*, o são a memória das paredes e as superstições nordestinas. Sobre esses temas e outros mais, tratamos na seção seguinte.

2.2 Quando o fantástico e o maravilhoso se mesclam à Metafísica da escrita naterciana

Inquestionavelmente, nossa beletrista foi também atravessada pelo Fantástico e pelo Maravilhoso, pelas características narrativas que grassavam na América Latina nas décadas que a silenciaram em ditaduras sangrentas, financiadas pelo poderio estadunidense em repressão à influência soviética sobre países potencialmente importantes para o plano econômico dos Estados Unidos. Nomes como Isabel Allende, com sua obra-prima *La casa de los espíritus* (1982), e de Gabriel García Márquez, com sua Macondo imaginária em *Cien años de soledad* (1967), premiadísimos ambos, nos levam a utopias que se fundem em distopias que refletem o ambiente dramático daqueles idos e que transportam o público leitor para uma realidade que escapava às agruras de suas próprias realidades.

Mais extraordinário ainda é o fato de que Natércia Campos não somente se utilizou dessas ferramentas às quais teve acesso por meio da leitura, que sempre foi um exercício que nutriu sua existência neste Plano Espiritual, como também se apropriou de superstições, costumes e credíes sertanejas e refrões de nosso adagiário para criar o ambiente interno e externo à *Casa*. Como se não bastasse, ainda se utilizou de campos do saber que são, além de metafísicos, vistos com reserva por quem lê e por quem analisa criticamente o que lê.

Referimo-nos, com isso, à “memória das paredes” e à Radiestesia. Esses são assuntos que tanto atraem como repelem o mercado livresco, o público leitor e a crítica literária e, mesmo assim, ela arriscou-se a inseri-los nessa sua obra de sucesso. Apesar de pertencerem ao universo etéreo, são estudados academicamente e já o vinham sendo desde antes, quando o conhecimento humano, costurado entre o empírico e o conceitual, era questionado pela razão de pensadores e filósofos da Antiguidade. Dentre uma das referências atuais mais fortes quanto a essa temática, temos a obra *Casas que Matam*, de Roger de Lafforest (1991).

Por meio desse livro específico, entramos em contato com manifestações metafísicas que habitam as nossas casas sem que muitas vezes as percebamos, e se as percebemos, não as entendemos e criamos explicações supostamente plausíveis para não nos aterrorizarmos. Um dos capítulos mais importantes dessa tratativa diz respeito à **MEMÓRIA DAS PAREDES**. Segundo Lafforest (1991), o que expressamos, de bom ou de ruim, por meio da fala que traduz sentimentos, fica impregnado no ambiente. Se ele for aberto, a mensagem se dissipa; se for fechado, esta fica confinada às quatro paredes, chão e teto que compõem o cenário. E não somente: repercutem esses sentimentos, como uma caixa de ressonância:

[...] a memória das paredes da edificação, as quais, tendo conhecido no decurso dos anos, acontecimentos dramáticos, podem irradiar as freqüências da desgraça ou do crime, inclusive influenciando no bem-estar dos atuais habitantes. [...] O que se procura prevenir são as influências invisíveis, aquelas que, sem que a maioria das pessoas o saiba, emanam das paredes, do piso e do teto, aquelas que podem influenciar o destino de quem habita entre eles. (Pantzier, 2007, p. 52).

Por isso, de acordo com os preceitos da Metafísica, é impreterível que nunca choremos, discutamos, praguejemos nem cometamos ato algum de violência de qualquer natureza dentro de um local fechado e no qual permaneceremos. Essa explicação encontra eco em outras que explicam o porquê de, sem uma explicação lógica, nos sentirmos mal em determinados lugares aparentemente inofensivos ou de sofrermos perturbações espirituais e insucessos em sítios que possivelmente jamais foram tocados pelo infortúnio, mas que sim, indubitavelmente o foram antes e suas memórias estão guardadas na “memória das paredes”.

Como exemplo do que se expõe acima, a *Casa* testemunhou o choro de Maria, que tanto queria ser mãe, mas não conseguia. Seu desespero, ao se sentir estéril e, portanto, “inútil” – naquele tempo em que contrair matrimônio, parir e gerir uma casa eram as únicas ambições de uma boa cristã –, deu lugar ao autocídio. Assim Natércia narra Maria se preparando para seu último ato, que ressoará depois, em outras personagens:

Uma noite, sem o acúmulo de saias, notei que sua barriga diminuía. Acompanhei seu solitário e silencioso choro dentro daquele quarto, amordaçando os soluços com lençol. [...] em uma noite de luar, ela, com extrema cautela, saiu do quarto e retornou com o tamborete da cozinha. Surpreendi-me ao sentir que, ao voltar a bela Maria para o seu quarto, *Ela* viera na sua companhia. [...] O nó foi meticulosamente bem dado a quatro mãos. Perfeito. (Campos, 2004, p. 45).

Como Maria foi uma suicida, foi enterrada alhures, mas sua alma, conta Campos (2004), ficou presa àquele quarto, que ficou tido como assombrado. Com o passar dos dias, fizeram dele um depósito e, com o passar das décadas, foi descartado:

No final da tarde desse mesmo dia, enterraram-na noutro lugar sem ser no campo sagrado, mas nunca deste quarto ela se libertou. Aqui ficou sua sombra e em noite de muitos ventos, escuto sempre, com o ranger das cordas das redes nos armadores, a sua voz. [...] As redes não mais foram armadas para alguém aqui dormir. Contavam os que persistiam em lá pernoitar que ouviam passos a noite toda, ruídos de canastras sendo abertas e sombras onde houvesse luz. (Campos, 2004, p. 55).

Natércia Campos tinha conhecimento pleno dessas implicações etéreas quando as expõe nessa obra-prima: “Foram eles [os ventos] nos seus ciclos que me disseram da magia e da força das palavras pronunciadas a desalojar o que está emparedado, acordando reminiscências, atijando a memória”. (Campos, 2004, p. 10-11). Ela tinha muito respeito pelo poder da

MEMÓRIA DAS PAREDES: “O poder das palavras aqui emparedadas atravessa o silêncio e ressoam para mim as velhas histórias contadas e lidas à luz das candeias”. (Campos, 2004, p. 18). Segundo Silva (2013),

Ela [a casa] observa as terríveis histórias ocorrerem, como o suicídio de uma das moradoras ou a pedofilia incestuosa do pai para com as filhas, sem nada poder realizar, apenas deseja ver o fim de tudo aquilo. Trindades é, portanto, onisciente, tudo vê, tudo ouve, tudo entende, tudo guarda na memória. E, dessa forma, é testemunha silenciosa de muitos nascimentos e mortes.

Como advoga Lafforest (1991), a Radiestesia é uma ciência que tem como objetivo detectar e medir campos energéticos internos e externos ao indivíduo, assim como equilibrar e harmonizar tanto as situações quanto quem está envolvida/o nelas. Aliada à Geobiologia, é uma prática vetusta que estuda a influência não tangível no que é tangível. Esse conhecimento pagão, apropriado pela Igreja no Medievo e sistematizado segundo o viés aristotélico-cristão, utiliza-se de instrumentos próprios (pêndulos, forquilhas, aurímetros, varetas e outros) para sentir supra sensorialmente e traduzir emanações não mensuráveis ou de mensuração limitada. A prática da Radiestesia acompanhou a história da Humanidade, plasmada em cavernas pré-históricas, em pinturas rupestres, mostrando que as varas de comando eram usadas para localizar a caça.

A Radiestesia vem sendo utilizada, desde tempos imemoriais, para a detecção de água e minérios, assim como para auxiliar no diagnóstico de doenças, apontando as curas possíveis e auxiliando na limpeza de ambientes carregados de energias densas – especialmente em locais onde crimes foram cometidos ou onde aconteceram catástrofes naturais e não naturais e hecatombes como o Holocausto.

Comprovadamente, locais como o Edifício Joelma – desde 1979 rebatizado como Edifício Praça da Bandeira, na capital paulista –, antes de arder em chamas na manhã do dia 1º de fevereiro de 1974 e levar consigo 189 vidas, deixando 345 pessoas feridas, havia sido palco de uma tragédia familiar (três assassinatos e um suicídio) em novembro de 1948. Essa tragédia ficou conhecida como “O Crime do Poço”, quando um professor de Química, Paulo Ferreira de Camargo, matou sua mãe e suas duas irmãs e escondeu os corpos no poço que mandara construir um mês antes. Três semanas depois dos crimes, pressionado pelos agentes policiais que faziam uma vistoria na casa familiar após denúncia de vizinhos, Paulo suicidou-se ao mesmo tempo que dois policiais descobriam, dentro do poço, os três cadáveres. A putrescina e a cadaverina presentes no necrochorume daqueles corpos em decomposição, naquele lugar insalubre, mataram Paulo indiretamente, e um desses policiais diretamente, que ali ficou (Mauriac, 2009).

Anteriormente a isso, quando antes de que essa casa que abrigara essa família dizimada fosse construída, ali havia sido encravado o pelourinho de uma fazenda cafeeira que igualmente testemunhou o sofrimento e a morte de escravizadas e escravizados ali supliciadas/os. Não coincidentemente, esse pelourinho fora erguido justamente sobre o que antes havia sido um cemitério indígena. Histórias como essa encontramos em todos os pontos do planeta – e desde sempre. Conforme Pantzier (2007, p. 52),

[...] correntes de água subterrânea ou jazidas de minério, falhas geológicas, cavidades fechadas, ionização positiva do ar, ondas chamadas de forma em radiestesia, materiais empregados na construção que podem ser tóxicos ou radioativos, pintura, lâmpadas e emissão de gases tóxicos ou radioativos. Esse conjunto de fenômenos raramente chega a se autocompensar, criando um ambiente razoavelmente equilibrado. Mais freqüentemente, é capaz de provocar o surgimento de um campo vibracional desaconselhável para qualquer inquilino humano [...].

Assim, com esses e outros elementos nocivos isolados ou somados uns aos outros, corre-se o risco de que o ser humano seja atravessado por emanções telúricas, presentes nos alicerces das construções, desarmonizando a vibração ideal para a manutenção da saúde (*ibidem*). Nesta seara, as maldições familiares são outra questão metafísica que nos remete à infância da Humanidade, plasmada historiograficamente em papiros e livros fidedignos como a Bíblia – o livro sagrado do cristianismo. Muita ênfase é dada ao que proferimos, especialmente se for algo que não traz edificação a quem nos escuta. As pragas rogadas contra outrem, acredita-se, não somente maculam energeticamente que as profere como também mancham o ambiente, emprestando-lhe uma pecha de condenação até a quinta geração – a mesma quantidade de gerações da família que a *Casa* abrigou dentro de si.

Como defende Pantzier (2007), há mecanismos para a limpeza espiritual, como a Apometria, que faz uso de técnicas de desdobramento entre o corpo físico e os corpos espirituais do ser humano, nas terapias de memórias ancestrais e que são comprovadamente eficazes para sanar dores anímicas que reverberam somaticamente. Baquit, Ferreira e Cavalcante (2018), por outro lado, mas somando argumentos nesse sentido, expõem que a Psicologia Ambiental estuda a relação do indivíduo com o ambiente e os efeitos que estes provocam naquele.

A casa como abrigo, como portadora de afetos e relicário de lembranças, recebe especial atenção de diversas searas do conhecimento. No que concerne à obra *A Casa*, de Natércia Campos, ambivalente quanto às memórias que guarda das pessoas que por ela passaram, percebe-se uma “[...] simbiose degradante entre casa espaço e personagens. [...] tal qual a família, é construída e reconstruída constantemente, tudo isso em meio a fragmentos de memória”. (*ibidem*, p. 188-189).

É importante frisar o que Cavalcante (2011) ressalta em sua investigação: apesar de ter um viés regionalista, apresentando a fauna, a flora, os costumes e o linguajar do Sertão, Natércia Campos ambienta o seu romance em um tempo e lugar indefinidos. Essa foi uma técnica também utilizada até certa medida pelos citados Isabel Allende e Gabriel García Márquez. Em *La casa de los espíritus* (1982), conforme Câmara (2021), a título de ilustração, Allende já se encontrava exilada em Caracas e escrevia sobre o Chile sob o jugo da ditadura de Pinochet, mas esse topônimo JAMAIS é mencionado por ela ao longo da trama, atemporal *per se*.

São essas algumas das muitas peculiaridades que fazem da escrita naterciana uma experiência única e que nos convida a adentrar nesse mundo que ela tão bem dominava: o da imaginação atrelada aos conhecimentos ancestrais sobre o Sertão nordestino e que ela soube captar sem dele ter feito parte. Temas como os que ela trata nesta obra basilar de seu legado literário, *A Casa*, especialmente os de cunho metafísico, que envolvem a memória das paredes – e, por consequência, a Radiestesia também –, geram curiosidade no público leitor e são necessários para que sejam desmistificados e reavaliados sob uma ótica mais crível e aceitável pelo senso comum. Nesse sentido também, o trabalho de Natércia Campos é imprescindível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Casa é uma mescla de romance, história regional, folclore e biografia na forma de um livro de poucas páginas, mas que condensa a imaginação dessa escritora pouco conhecida nacionalmente – Natércia Campos – com o que de místico e mítico tem o Sertão nordestino. Alie-se a isso outros conhecimentos que tangenciam a leitura da obra para o metafísico e para o sobrenatural, que também fazem parte do enredo desse romance consagrado e são parte do repertório de crenças universalizadas, sistematizadas na Radiestesia, *exempli gratia*.

Este artigo junta-se aos outros quatro publicados sobre Natércia Campos no TOMO I deste Dossiê e com eles homenageia essa beletrista tardia, mas intensa e profícua, esta escritora litorânea que fez do Sertão nordestino o cenário de seu único e premiadíssimo romance: *A Casa*.

Nesta ampla seara que é a literatura produzida pela mente fértil e pelas hábeis mãos de tecelã de Natércia Campos, muito falta ainda por estudar e por escrever academicamente sobre. Fica aqui o convite para que mais pesquisas sobre essa escritora ainda ignota para a maior parte do público leitor possam ser efetivadas e os seus resultados, divulgados cientificamente.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.
- AZEVEDO, S. *Dez ensaios de literatura cearense*. Fortaleza: Editora Universidade Federal do Ceará – UFC, 1985.
- BAQUIT, J. A. N. D.; FERREIRA, K. P. M.; CAVALCANTE, S. Literatura e Psicologia Ambiental: Um Olhar sobre A Casa no Livro A Casa, de Natércia Campos. In: SILVA, F. M. D. da.; SILVA, M. A. da.; SILVA, F. D. da.; SOUSA, A. V. de. *Ceará em Prosa e Verso: Ensaios sobre Literatura*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018, pp. 181-193.
- CÂMARA, Y. R. O Sagrado Feminino, a Jornada da Heroína e as diversas mitologias presentes na obra fílmica El Laberinto del Fauno. *Memorare*, Tubarão, vol. 8, n. 2, jul.-dez., 2021, p. 84-110.
- CÂMARA, Y. R. Aula 25 – Isabel Allende – I Edição. *Youtube Filhas de Avalon – o Feminino em Pauta* (02:30:21), 04 de março de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdht3jeB0Zg&list=PLXxkjHl4ts0MQvJSP1mGW5SeEQLU32wEz&index=26> (Acesso em: 08 mar. 2024).
- CAMPOS, N. *A Casa*. Fortaleza: Editora Universidade Federal do Ceará – UFC, 2004.
- CASCUDO, L. da C. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Grupo Editorial Global, 2012.
- CASCUDO, L. da C. *Literatura Oral no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.
- CAVALCANTE, T. V. A Dimensão do Habitar na Obra A Casa, de Natércia Campos: Um Olhar Geosófico. *Geograficidade*, vol. 1, n. 1, Inverno, 2011, p. 32-43.
- CHAVES, S. W. F. Cartografias do “Sertão-de-Dentro” na Obra A Casa de Natércia Campos. 2022. 122 f. *Tese* (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2022.
- LAFFOREST, R. de. *Casas que Matam*. Tradução de Noberto de Paula Lima. 2 ed. São Paulo: Editora Ground, 1991.
- LIMA, M. G. B. de.; CÂMARA, Y. R. Natércia Campos e A Casa: A Importância da Manutenção da Cultura Oral, das Tradições e da Memória do Sertão na Literatura. *Rev. LiteralMENTE*, João Pessoa, vol. 3, n. Especial, TOMO I, jul.-dez. 2023, p. 119-129.
- MAURIAC, F. Los trece espíritus del edificio Joelma. In: IBAÑEZ, J. M. (Org.) *Enigmas y misterios: 13 lugares malditos*. Madrid: Es Ediciones, 2009.
- NEVES, O. *Dicionário de Superstições*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004.

PANTZIER, H. D. *Ambientes Saudáveis, Pessoas Saudáveis. Ambientes Doentios, Pessoas Doentias*. Florianópolis: Editora do Autor, 2007.

SARAIVA, V. S. A Casa, de Natércia Campos: Uma Epopeia do Sertanejo do Ceará. *Inventário*, Salvador, vol. 8, mar., 2011, p. 1-15.

SILVA, L. V. da. Viver e Acreditar: Crenças e Superstições do Sertão Nordestino. In: VASCONCELOS, A. W. S. de.; VASCONCELOS, T. N. S. de. *Notas sobre Literatura e Linguagem*, 2019, pp. 292-299.

SILVA, L. V. da. O Espaço Privado da Casa e sua Relação com a Representação Feminina Inserida na Obra A Casa, de Natércia Campos. 2016. 136 f. *Dissertação* (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Universidade do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2016.

SILVA, M. de F. C da. Da Casa Humanizada à Casa Desejada: O Espaço nas Narrativas de Natércia Campos e Alina Paim. 2013. 54 f. *Monografia* (Especialização em Literatura Comparada) – Curso de Especialização em Literatura Comparada, Departamento de Letras, Centro de Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2013.

SOUSA, G. da S.; CÂMARA, Y. R.; DIAS, L. L. Natércia Campos: Até Onde Ser Nordestina e Filha de um Grande Escritor Pode Mitigar o Brilho de uma Beletrista em Ascensão. *Rev. LiteralMENTE*, João Pessoa, vol. 3, n. Especial, TOMO I, jul.-dez. 2023, p. 104-118.

TIMBÓ, M. P. O Sertão de Papel de Natércia Campos: Memórias das Trindades. 2011. 281 f. *Dissertação* (Mestrado em Letras/Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Literatura, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.